

MOVIMENTOS AFILIATIVOS EM INTERAÇÕES DIGITAIS: EXPLORAÇÕES EM POSTAGENS MULTIMODAIS

AFFILIATIVE MOVES IN DIGITAL INTERACTIONS: EXPLORATIONS IN MULTIMODAL POSTS

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p317-343

Theodoro Casalotti Farhat¹

Resumo: Fundando-se na Linguística Sistemico-Funcional, este artigo explora movimentos afiliativos em postagens verbo-pictóricas de um grupo de Facebook, investigando como diferentes regiões semióticas de uma postagem operam em processos de individuação. Após localizar o estudo em termos de estratificação e instanciação, apresentam-se a dimensão sociosemiótica de individuação e a Gramática do Design Visual; depois, explicita-se o modelo de decomposição semiótica empregado; enfim, expõem-se as análises, sistematizando seus resultados nas considerações finais. Constataram-se diferentes padrões de afiliação: 1. afiliação por acoplamentos afiliativos, que podem ser acolhidos em diferentes graus pelos comentários; 2. afiliação por outras estratégias, como reações a elementos “extraordinários”, facilitando performances individualizantes.

Palavras-chave: individuação; multimodalidade; afiliação; acoplamento; vinculação.

Abstract: Drawing on Systemic Functional Linguistics, this article explores affiliative moves in verbal-pictorial posts from a Facebook group, investigating how different semiotic regions of a post operate in individuation processes. After locating the study in terms of stratification and instantiation, we present the sociosemiotic dimension of individuation and the Grammar of Visual Design; then, we discuss the model of semiotic decomposition employed; finally, we present the analyses, systematizing its results in the final remarks. Different patterns of affiliation were found: 1. affiliation by affiliative couplings, which may be accepted to varying degrees by the comments; 2. affiliation by other strategies, such as reactions to "extraordinary" elements, which facilitate individualizing performances.

Keywords: individuation; multimodality; affiliation; coupling; bonding.

Introdução

¹ Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo. E-mail: theo.cfar@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9646-6301>.

A contemporaneidade é marcada pela cada vez mais evidente importância dos recursos digitais multissemióticos no estabelecimento de relações interpessoais em diversos níveis, desde comunidades baseadas em preferências pessoais e práticas profissionais até grandes correntes ideológicas. Consequentemente, algumas pesquisas têm se voltado à exploração do potencial semiótico para a criação de laços afiliativos, permitindo investigações minuciosas que, procurando esquivar-se de impressionismos analíticos, têm como alvo o desenvolvimento de modelos explícitos, testáveis e comparáveis do modo como a linguagem – verbal ou não – é constitutiva do processo de vinculação entre indivíduos.

Nesse sentido, este artigo, ancorando-se na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) – mais especificamente, nos estudos sobre o sistema semântico-discursivo de AVALIATIVIDADE (MARTIN; WHITE, 2005) e seus efeitos afiliativos (KNIGHT, 2010; MARTIN, 2010; MARTIN *et al.*, 2013) – e na Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), explora o modo como recursos ideacionais e interpessoais, tanto verbais quanto pictóricos, são utilizados na construção de diferentes dinâmicas afiliativas em um grupo de Facebook. Mais especificamente, procuramos dar respostas às seguintes questões: 1. de que forma vínculos afiliativos multimodais são criados e interacionalmente organizados, possibilitando a formação de comunidades digitais?; 2. é possível identificar padrões e variações nas práticas afiliativas?; 3. qual a relevância dos elementos pictóricos nos processos de individuação?

Com isso, esperamos contribuir para um refinamento da teorização e dos procedimentos metodológicos voltados às formas como os alinhamentos interpessoais são construídos a partir de uma base semântico-discursiva, especialmente em ambientes digitais. Os resultados apresentados são fruto de uma pesquisa mais ampla que explora as relações entre texto e contexto em dois grupos de Facebook.²

O texto está organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, localizamos a pesquisa em termos das dimensões globais de estratificação e instanciação; depois, apresentamos os estudos sistêmico-funcionais da individuação e a Gramática do Design Visual; em seguida, expomos o modelo de decomposição multimodal utilizado no procedimento analítico; passamos, então, à exposição da análise de três postagens, focalizando suas dinâmicas afiliativas específicas; por fim, fazemos considerações sobre as implicações dos resultados e apontamos próximos passos para a pesquisa.

² O projeto recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2021/03332-0), a quem agradecemos.

1. Discussão teórico-metodológica e delimitação de eixos de análise

1.1 Estratificação e instanciação

A pesquisa relatada neste trabalho deve ser, em primeiro lugar, localizada em termos das dimensões globais de estratificação e instanciação.³ Em termos de estratificação – isto é, em termos dos diferentes graus de abstração simbólica que compõem a linguagem em contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) – nosso foco está nos dois estratos do plano de conteúdo da linguagem: a semântica discursiva e, mais especificamente, os sistemas de AVALIATIVIDADE (especialmente o subsistema de ATITUDE) e IDEACÃO (MARTIN, 1992; MARTIN; WHITE, 2005; MARTIN; ROSE, 2007), que são realizados pela léxico-gramática.

A AVALIATIVIDADE, parte da metafunção interpessoal – aquela que engloba os recursos semióticos que encenam as relações entre os interactantes –, trata das possibilidades de posicionamento (inter)subjeto dos interactantes, tanto em termos de suas avaliações (organizadas por meio do subsistema de ATITUDE, que é dividido em reações emotivas (**afeto**), **apreciações** estéticas e **juízos** de comportamentos humanos) quanto em relação ao ENGAJAMENTO dos enunciados com outros discursos, reconhecendo-os (heteroglossia) ou não (monoglossia). Além disso, as atitudes podem ser, por meio do sistema de GRADACÃO, construídas como mais ou menos prototípicas (p. ex., *artista de verdade*) e/ou intensas (p. ex., *super charmoso*).

O sistema de IDEACÃO, por sua vez, integra, como indicado pelo seu nome, a metafunção ideacional, que opera na construção e na articulação de experiências (reais ou imaginárias, concretas ou abstratas etc.). A IDEACÃO se centra “no conteúdo de um discurso – quais tipos de atividades se executam, e como participantes envolvidos em tais atividades são descritos e classificados” (MARTIN; ROSE, 2007, p. 17, tradução nossa), o que envolve relações como hiponímia e meronímia.

Como o estrato semântico-discursivo é o mais “elevado” da linguagem, ele se posiciona entre o contexto, realizando-o, e a léxico-gramática, que realiza em padrões de palavra os padrões semânticos. Trata-se, portanto, de um estrato de interface entre linguagem e sociedade, o que indica justamente sua relevância para a investigação aqui empreendida.

³ Pressupomos que o leitor já esteja familiarizado com alguns conceitos básicos da Teoria Sistêmico-Funcional. Para introdução em português, cf. Fuzer e Cabral (2014).

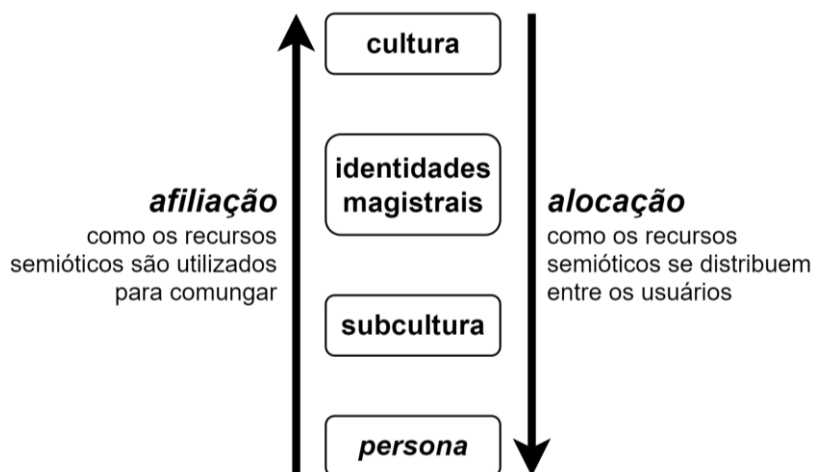
Em termos de instanciação – dimensão que pode ser entendida em termos dos graus de generalidade em que se organiza a semiose –, nossa pesquisa, ao focar na análise textual e, a partir de seus resultados, formular hipóteses sobre padrões mais gerais, está posicionada entre o “micro” (isto é, a pesquisa sobre instâncias específicas) e o “meso” (generalizações restritas a um espaço semiótico específico – no nosso caso, grupos de Facebook). Para resultados mais generalizantes (por exemplo, sobre o Facebook como um todo), seria necessário empregar métodos quantitativos, algo ainda muito difícil para o grau de detalhamento necessário para uma pesquisa como a aqui relatada.

1.2 Individuação: da *persona* à cultura por meio da semântica discursiva

Como, então, tais elementos servem para a investigação da individuação – isto é, para entender tanto a performance textual de identidades específicas quanto a formação semiótica de comunidades? Martin (2010, p. 22, tradução nossa) propõe que “enquanto a instanciação se refere à especialização do potencial de significação de uma cultura, texto a texto, a individuação especializa tal potencial de significação de acordo com pessoas”.

Assim, um dos movimentos de individuação é o de *alocação*: o potencial identitário de uma cultura se especializa em diferentes alocações – há os subpotenciais associados a profissionais, como médicos e professores, mas também a categorias sociais como classe, etnia e gênero, entre muitos outros. Em outras palavras, a alocação diz respeito ao fato de que os diferentes modos de ser em uma cultura são desigualmente distribuídos entre os seus membros. Também é possível, porém, operar na direção oposta: não da cultura para a *persona* textual, mas da *persona* para a cultura. Trata-se do movimento de *afiliação*, em que as identidades individuais, por meio de recursos semióticos, passam a formar comunidades de dimensões diversas, desde grupos pequenos até, possivelmente, toda a cultura, passando pelas grandes categorias sociais (as identidades “magistras” de gênero, classe, idade, etnia, etc.). Os movimentos de individuação (alocação e afiliação) estão representados na Figura 1:

Figura 1. A escala de individuação e os movimentos de afiliação e alocação.



Fonte: traduzido e adaptado de Martin et al. (2013, p. 490).

Este estudo, além de “subir” na escala de instanciação, indo dos textos até uma região dos subpotenciais, também investigará “subidas” afiliativas na escala de individuação. Em outras palavras, as análises procurarão desvelar o modo como diferentes atos semióticos revelam a presença de usuários que, ao mesmo tempo que indivíduos únicos, exibem uma necessidade sociosemiótica de afiliação, formando, por meio da linguagem, coletividades (que podem, aliás, incluir níveis intermediários aos expostos na Figura 1, como comunidades entre a *persona* textual e uma subcultura).

É nesse ponto que entram em jogo as articulações entre significados atitudinais e ideacionais. A proposta de Martin (2010), Knight (2010), entre outros, é que um recurso semiótico central no processo de afiliação é o uso de vínculos afiliativos formados pelo acoplamento⁴ de significados ideacionais e atitudinais. A fórmula a seguir sintetiza tal proposta: *Acoplamento (potencialmente) afiliativo* = IDEACÃO + ATITUDE.

Um tipo de situação afiliativa em que tal fórmula fica muito evidente ocorre quando fãs de determinado artista se congregam e, ao interagirem, compartilham julgamentos sobre tal artista e apreciações de sua obra. É a harmonia entre os vínculos afiliativos que possibilita (ou ao menos facilita) que o que antes era um grupo de indivíduos passe a ser, de fato, uma comunidade, mesmo que efêmera. Na seção 3, veremos casos concretos (e, conseqüentemente, mais complexos) de tal situação. Já em dimensões mais “macro”, perto do polo da cultura, elementos como bandeiras e hinos nacionais podem ser vistos como tentativas estatais de instaurar vínculos afiliativos que têm como ideação central a noção de pátria (o Hino Nacional

⁴ Martin et al. (2013, p. 469, tradução nossa) definem acoplamentos (*couplings*) como “a cosseleção de recursos linguísticos através de níveis, metafunções, estratos e modalidades que não são especificados por ciclos de sistema e estrutura”.

Brasileiro oferece um exemplo prototípico: “Pátria [= ideação: hiperônimo] amada [= atitude: afeto; positivo], Brasil [ideação: hipônimo]!”).

O procedimento analítico que empregamos na investigação de movimentos afiliativos em postagens de Facebook é organizado da seguinte forma: o primeiro passo é a análise da tela-base da postagem (ver seção 1.3), em que se explora especialmente a presença de acoplamentos de atitude e ideação que têm potencial afiliativo; se ocorrerem, tais acoplamentos são explorados em termos de sua complexidade ideacional e atitudinal; então, passa-se à análise dos comentários, em que se verifica em que medida o potencial afiliativo da matriz é espelhado interacionalmente; por fim, apresenta-se uma síntese global das diferentes estratégias e nuances afiliativas encontradas em cada texto.

1.2 A Gramática do Design Visual (GDV)

Desde a sua publicação original em 1990 (com a primeira edição internacional em 1996), a Gramática do Design Visual (GDV) de Kress e van Leeuwen (2006) se tornou um clássico da Semiótica Social. A seguir, faremos uma breve apresentação de seus principais sistemas e de algumas questões afiliativas que podem surgir.

Tomando como inspiração as descrições sistêmico-funcionais da linguagem verbal, a GDV propõe que os significados pictóricos, como os verbais, são organizados em termos de três metafunções.

A metafunção **representacional** (análoga à ideacional) dá conta das diferentes possibilidades de construção imagética das experiências. A divisão mais geral é entre estruturas narrativas, realizadas por vetores que indicam o envolvimento de participantes em eventos, e conceituais, que, sem vetores, focalizam as relações e os atributos dos participantes. A metafunção **composicional** (análoga à textual) diz respeito aos significados realizados pelas diferentes possibilidades de disposição visual em termos de ENQUADRAMENTO (opções para segregação, separação e união de elementos), VALOR DA INFORMAÇÃO (as oposições de ideal-real e dado-novo) e SALIÊNCIA (as possibilidades disponíveis para dar destaque aos elementos visuais). Enfim, a metafunção **interativa** (análoga à interpessoal) trata do estabelecimento visual de formas de interação com os leitores, incluindo conotações de CONTATO (estabelecido por vetores de olhar que se voltam ao leitor), DISTÂNCIA SOCIAL (“intimidade”, “impessoalidade”, etc.), ATITUDE (indicações de hierarquização ou igualdade) e MODALIDADE (diferentes níveis de “naturalismo” visual).

Para os propósitos deste estudo, a GDV nos auxiliará especialmente na resposta às seguintes questões: qual é o papel das imagens em movimentos afiliativos? Há contribuições pictóricas diretas aos vínculos afiliativos? Se sim, são ideacionais, interpessoais ou ambas? Em investigações anteriores (FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021b), houve indicações de que o modo pictórico tendia a contribuições primariamente ideacionais; tais questões, porém, ainda estão em aberto, dada a extrema complexidade que se gera na interseção do estudo da multimodalidade com o da afiliação.

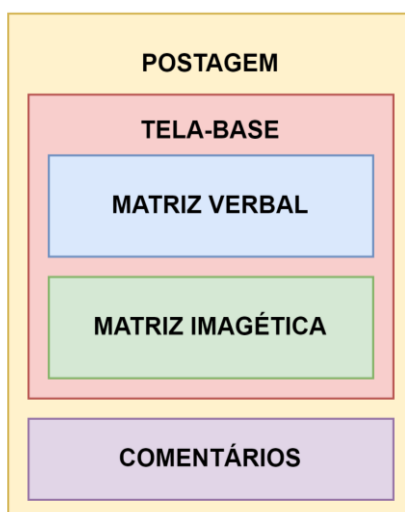
2. O modelo decomposicional de textos multimodais

A complexidade de interações multimodais como as analisadas neste estudo exige que o procedimento analítico seja organizado com cautela, o que evita análises demasiadamente impressionistas e, conseqüentemente, pouco comparáveis e replicáveis. Propomos que tal organização se dê por meio de um modelo decomposicional de textos multimodais que dá alguma ordem ao que pode parecer, em um primeiro momento, um caos semiótico. O modelo permite que os textos sejam divididos em “telas” com diferentes características estruturais, semióticas e interacionais. Seguimos, nesse sentido, Bateman, Wildfeuer e Hiippala (2017, p. 213, tradução nossa): “[c]lassificar os meios e suas telas é o primeiro passo para ser capaz de dar organização até para situações muito complexas e, por isso, é o lugar de onde se começa”. Não há espaço para a exposição dos detalhes teórico-metodológicos por trás da decomposição; recomendamos a leitura de Bateman, Wildfeuer e Hiippala (2017) e Farhat e Gonçalves-Segundo (2022), em que há aprofundamentos em algumas direções.

Os critérios sociossemióticos utilizados para a distinção entre as telas das postagens analisadas neste artigo são os seguintes: a **composição visual** das postagens, dado que tanto a linguagem escrita quanto as imagens estáticas (os modos semióticos enfocados nas análises) são eminentemente visuais; os **modos semióticos**, tendo em vista o princípio de que a significação de cada modo é intrinsecamente distinta da de outros; e o **papel ocupado pelo enunciador** (“postador” ou “comentador”), já que cada um dá possibilidades de interação distintas com as diferentes telas.⁵ Chegamos, com tais considerações, à decomposição a seguir:

Figura 2. Decomposição semiótica das postagens analisadas.

⁵ Algumas postagens não analisadas aqui exigem outros critérios para a decomposição: ver análises em Farhat e Gonçalves-Segundo (2021a, 2021b) e aprofundamentos em Farhat e Gonçalves-Segundo (2022).



Fonte: elaboração própria.

1. *Tela-base*: é a tela mais “nuclear” da postagem, definindo-se principalmente por ser a tela do postador por excelência e por ser visualmente separada dos comentários. Há, internamente a ela: (a) *matriz verbal*: a seção verbal do que o postador originalmente publica; (b) *matriz imagética*: a seção imagética. Distingue-se da verbal por modo semiótico e, correlatamente, disposição visual.
2. *Comentários*: a tela dos comentadores por excelência (embora em alguns casos o postador possa assumir a posição de comentador).

Nossas pesquisas anteriores (FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021a, 2021b) indicaram que os interactantes de fato reconhecem as diferentes telas como “regiões semióticas” distintas, cada qual com práticas e normas específicas. As análises a seguir também apontam nessa direção.

3. Análises

As três análises apresentadas nesta seção têm como foco três postagens (denominadas P1, P2 e P3) provenientes do grupo de Facebook “Dias de Cinefilia” (conhecido como DDC), que, como seu nome indica, apresenta interações que discutem produtos culturais audiovisuais (filmes, séries de televisão, *reality shows*, etc.).⁶ As telas das postagens são sempre analisadas na seguinte ordem: matriz verbal, matriz imagética e comentários (C1, C2, C3, etc.). Enquanto

⁶ Os critérios utilizados para a coleta do *corpus* foram os seguintes: 1. cada postagem apresenta ao menos vinte e cinco comentários, assegurando a presença de dados sobre como ocorrem as interações no grupo em questão (em postagens com mais de cem comentários, somente os cem primeiros são coletados); 2. as postagens têm matriz verbal e matriz imagética, possibilitando a investigação da articulação entre as modalidades.

a ordem das matrizes é relativamente arbitrária (de fato, em alguns casos é a matriz imagética que é mais “nuclear” – ver Farhat e Gonçalves-Segundo (2021b)), os comentários são analisados por último por terem uma natureza primariamente “reativa” à tela-base.

3.1 P1

Quadro 1. Tela-base de P1

<p>Me toquei agora que o Bo Burnham que fez o Ryan em Promising Young Woman foi quem escreveu e dirigiu Eight Grade. E que filme perfeito aff</p>  <p>136 33 comentários</p>	<p>Transcrição da matriz verbal:</p> <p><i>Me toquei agora que o Bo Burnham que fez o Ryan em Promising Young Woman foi quem escreveu e dirigiu Eight [sic] Grade. E que filme perfeito aff</i></p>
--	--

Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/270581714352692>>. Acesso em 25 jun. de 2021.

A matriz verbal de P1 é curta, sendo composta por um complexo oracional e uma oração menor: (1) *Me toquei agora que o Bo Burnham que fez o Ryan em Promising Young Woman foi quem escreveu e dirigiu Eight [sic] Grade.* (2) *E que filme perfeito aff.*

Em termos ideacionais, há em (1) um complexo oracional em que um processo mental perceptivo (*Me toquei* – isto é, “percebi”) projeta um metafenômeno composto por oração identificativa ([Símbolo] *o Bo Burnham que fez o Ryan em Promising Young Woman* = [Valor] *quem escreveu e dirigiu Eighth Grade*). O Núcleo do Símbolo (*Bo Burnham*), por sua vez, é elaborado hipotaticamente por *que fez o Ryan em Promising Young Woman*⁷, em que outro processo identificativo (o verbo “fazer” tem aqui o sentido de “interpretar como ator”) reitera (elipticamente) o Símbolo anterior (*o Bo Burnham*) e o identifica com o Valor *o Ryan em Promising Young Woman*. Dessa forma, os significados experienciais de (1) podem ser

⁷ Pela norma padrão, a oração deveria estar entre vírgulas, apontando para o seu caráter “explicativo”, não “restritivo” – não há a especificação de um entre vários Bo Burnhams, mas uma elaboração sobre quem ele é.

parafrazeados da seguinte maneira: *quem fez o Ryan em Promising Young Woman = Bo Burnham = quem escreveu e dirigiu Eighth Grade*.

Em outras palavras, representa-se a “descoberta perceptiva” de que uma entidade é identificada com outra que, anteriormente, era percebida como distinta (ou ao menos dissociada). Isso parece ser realçado pelo uso da circunstância de Localização temporal *agora*, que indica a “novidade” da identificação: “não percebi antes, mas somente agora”. Como, interpessoalmente, a oração principal está no modo declarativo, realizando congruentemente a função discursiva de declaração (fornecimento de informação), implica-se que tal informação também será uma “descoberta” para ao menos parte dos leitores/comentadores – algo que de fato se confirma em parte dos comentários (ver abaixo).

Já (2), por sua vez, é analisável como uma oração menor (isto é, sem Predicador) que realiza a função discursiva de exclamação (que pode ser vista como um subtipo de declaração). Outra possibilidade de análise, menos calcada na forma, seria interpretar (2) como uma oração maior em que seriam elípticos tanto o Predicador, que confluiria com um processo relacional atributivo, quanto o Sujeito, que confluiria com o Portador:

<i>E que filme perfeito = E que</i>	<i>filme perfeito</i>	[<i>Eight Grade</i>	<i>é]</i>
	Atributo	Portador	Proc. rel. atributivo

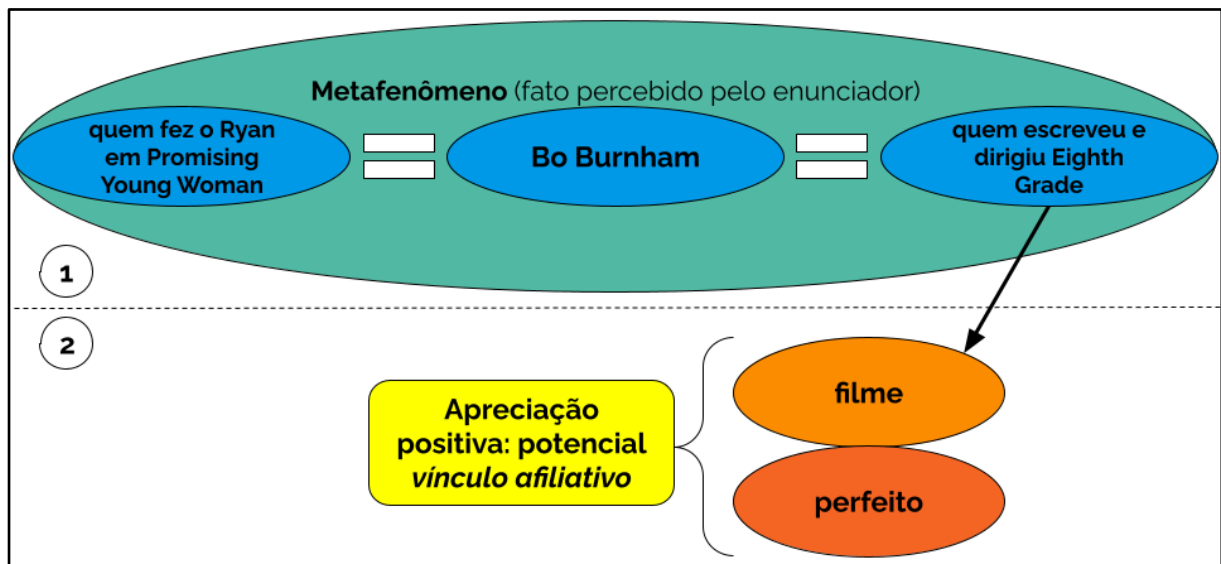
A elipse do Portador seria motivada textualmente, já que o último elemento do Rema de (1) é justamente *Eighth Grade*, dispensando a sua repetição. Isso, porém, possibilita uma ambiguidade, dado que em (1) também se aborda outro filme – *Promising Young Woman*. Parece-nos, porém, que o posicionamento textual do grupo *Eighth Grade*, assim como elementos da matriz imagética (ver abaixo), dão prioridade à primeira interpretação.

A maior importância de (2), porém, parece estar em sua avaliatividade: há uma apreciação positiva de *Eighth Grade* intensificada pelo próprio item lexical que realiza o Atributo (*perfeito*) e pela estrutura exclamativa, que indica justamente uma intensificação atitudinal por parte do enunciador, além da partícula final *aff*, que realça a natureza exclamativa do enunciado, sugerindo uma “consternação” em relação à “perfeição” do filme.

Em suma, a divisão em (1) e (2) da matriz verbal parece refletir uma distinção entre orientações interacionais diferentes. Em (1), haveria uma orientação “informativa”, baseada em uma cadeia de identificações entre dois Valores cujo “nódulo” é *Bo Burnham*. O segmento (2), por sua vez, teria uma orientação nitidamente atitudinal: com uma exclamação avaliativa curta, um elemento de (1) (*Eighth Grade*) é retomado elípticamente e apreciado como *perfeito*, o que

sugere a possibilidade de um acoplamento afiliativo tendo como base a apreciação do filme a que se faz referência – ou, mais indiretamente, o julgamento do seu diretor, seguindo o raciocínio de que “esse filme é **perfeito**; logo, seu diretor é **muito capaz**” (ver mais sobre essa “lógica” na análise dos comentários).⁸

Figura 3. Orientações interacionais em P1



Fonte: elaboração própria.

Passando à matriz imagética, há duas subtelas (isto é, duas imagens). A primeira, mais saliente por sua posição superior, o que também a aproxima visualmente da matriz verbal, é uma fotografia em que vemos um homem e uma adolescente abraçados; o fundo é neutro. A imagem é analisável, segundo a metafunção representacional da GDV, como uma estrutura analítica típica de “retratos”: há Portadores humanos cujos Atributos mais salientes são traços físicos (especialmente faciais) que permitem sua identificação – são signos autológicos (NÖTH, 1995)⁹. Essa identificação permite que a imagem se associe experiencialmente à orientação “informacional” descrita acima: *Bo Burnham* = o homem na matriz imagética. Isso pode ser especialmente relevante para aqueles que, embora familiarizados com a imagem do artista (conhecido especialmente por seus vídeos e filmes), não reconhecem seu nome.

O outro Portador – a adolescente – tem uma relação experiencial menos direta com a matriz verbal. Trata-se de Elsie Fisher, atriz que interpretou a protagonista de *Eighth Grade*.

⁸ Ver também a noção de argumento por interação entre ato e pessoa (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, § 69).

⁹ Nöth (1995, p. 402) escreve que os “traços da fisionomia de um indivíduo formam, por um lado, um signo *autológico*, um índice da identidade de uma pessoa. Por outro, esses mesmos traços podem ser interpretados como um signo *heterológico* que indica a idade, o sexo, ou a origem étnica ou familiar de uma pessoa” (tradução nossa; itálicos no original).

Como ela não é mencionada na matriz verbal, a ligação verbo-imagética ocorre por duas vias: (1) pela associação pictórica com o Portador representando Bo Burnham; (2) como um “merônimo” de *Eighth Grade*, elemento experiencial que de fato é mencionado verbalmente. Assim, vê-se que a imagem tem uma clara importância ideacional, funcionando tanto como “evidencial pictórico” (FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021a), isto é, como “prova” imagética para as alegações da matriz verbal, quanto como elemento que complementa a cadeia ideacional explorada acima.

A segunda subtela da matriz imagética parece corroborar os efeitos indicados acima. Trata-se de um fotograma de *Eighth Grade* (o que é indicado pela orientação de codificação sensorial no sistema interpessoal de modalidade, além de os leitores que assistiram ao filme poderem recorrer à memória) em que se vê a personagem interpretada por Elsie Fisher. Embora seja possível analisar a imagem como um processo analítico análogo ao descrito acima, há inegavelmente uma representação narrativa (re)ativa: a personagem (Ator/Reator) usa seu celular para tirar uma *selfie*, o que é realizado pelo vetor de seu braço (culminando na mão que segura o celular – o Meio) e pelo vetor de olhar direcionado ao celular. Por meio dos traços autológicos de Fisher (interpretáveis como Atributos em uma estrutura analítica “encaixada” na narrativa), faz-se a identificação entre o (Re)ator da segunda subtela e o segundo Portador da primeira, ligando mais um elemento à cadeia de identificações.

Embora tenhamos dado ênfase aos elementos “informativos” das imagens – que parecem ter uma relação mais óbvia com alguns elementos analisados na matriz verbal –, deve-se ter em mente que a semiose pictórica pode ser relevante também em termos atitudinais, já que, como foi hipotetizado anteriormente (FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021b), a apresentação de imagens extraídas de produtos audiovisuais pode ser importante no processo de suscitação de atitudes por parte dos interactantes a respeito de tais produtos, o que não é negligenciável. O mesmo pode ser dito das escolhas realizadas nos sistemas interpessoais de DISTÂNCIA SOCIAL (ambas as imagens conotam “intimidade” com os participantes), ENVOLVIMENTO e PODER (os ângulos horizontal e vertical podem sugerir graus de solidariedade e igualdade de status entre os participantes pictóricos e os leitores).

Passemos, então, aos comentários. Em síntese, tais enunciados podem ser distribuídos nas seguintes categorias semântico-discursivas (100% = 26): a. afeto/apreciação positiva de *Eighth Grade*: 12 (46%); b. identificação/caracterização de Bo Burnham: 8 (30%); c. afeto/julgamento positivo de Bo Burnham: 6 (23%); d. marcação de usuário: 2 (7%); e. outros:

2 (7%).¹⁰ Tais dados apontam que, de fato, os comentários parecem refletir as duas “orientações” analisadas na tela-base: mais da metade dos comentários é avaliativa e quase um terço lida com a identificação de Bo Burnham. Começemos pelos avaliativos.

As categorias *a* e *c* podem ser facilmente amalgamadas em uma só, não só por terem em comum seu caráter avaliativo e sua positividade, mas especialmente pela “lógica” de que, quando se aprecia positivamente um produto, julga-se com a mesma polaridade o produtor (no caso, o diretor). Foi por tal raciocínio que C24 (*O stand up dele "make happy" é sensacional! Primeira coisa que vi dele*) foi incluído na categoria *c*. Em outras palavras, se um filme dirigido por Burnham é bom, pode-se inferir que Burnham é um bom diretor.

Alguns exemplos de atitudes positivas em relação a *Eighth Grade*: C1 – *Eight* [sic] *Grade é muito bom, amei!*, C13 – *Excelente filme!*, C19 – *Eighth Grade é o coming of age definitivo dessa nova geração*. Em termos experienciais, esses comentários são bastante previsíveis: ocorrem processos relacionais atributivos (C1: *é*), identificativos (C19: *é*) e mentais emotivos (C1: *amei*), além de um grupo nominal com modificador apreciativo (C13). O mais sofisticado talvez seja C19, em que o postador identifica o Símbolo *Eighth Grade* com o Valor *o coming of age definitivo dessa nova geração*, usando léxico relativamente especializado (*coming of age*) e uma gradação típica da crítica cultural (*definitivo*).

Dois exemplos de atitude positiva em relação a Bo Burnham são apresentados a seguir: C3 – *Extremamente talentoso*, C20 – *Eu amo esse cara. Morro que ele não eh bonito só eh alto mas mesmo assim acho super charmoso kakaka*. Enquanto C3 apresenta uma formulação de julgamento (de capacidade) muito esperável, C20 tem uma organização mais complexa: após um afeto positivo com foco em Bo Burnham realizado por um processo mental emotivo, faz-se uma observação sobre a incongruência entre sua falta de beleza e seu *super* charme, o que geraria para o comentador um efeito de humor (parece-nos que a construção “morrer que X” é equiparável a “morrer de rir porque X”). O relevante aqui é que o humor é forte índice, ao lado da consonância entre as atitudes, de que há uma interação afiliativa em jogo (KNIGHT, 2010).

Os comentários que identificam Bo Burnham ou de alguma forma o caracterizam são exemplificados por C4 – *Ele eh o cara do vine que fala: is it anything better than pussy? yes, a really cool book*; C11 – *o jeito que eu fiquei chocada quando descobri que bo burnham é um cara que atua e nao uma sapatao que faz stand up*; C12 – *O rei é responsável pelo maior meme do falecido Vine* [link para vídeo]. Alguns parecem estar de fato alinhados com a orientação

¹⁰ A soma resulta em trinta porque alguns comentários participam de mais de uma categoria.

“informacional” descrita acima: C4 oferece uma nova identificação potencialmente “útil” ou “surpreendente”, assim como C12, que, além disso, apresenta um julgamento positivo em *O rei*; já C11 indica justamente um “choque” com a “descoberta” da identidade de Burnham, mas com tonalidades fortemente humorísticas em relação à identidade que o comentador daria anteriormente ao identificado (*uma sapatao que faz stand up*).

Assim, parece-nos que a possibilidade de que a forte “informacionalidade” verificada na tela-base seria refletida com comentários pouco avaliativos foi frustrada: os comentários são, em sua maioria, nitidamente avaliativos, e mesmo aqueles que parecem se centrar na questão da identificação de Bo Burnham apresentam facetas atitudinais e humorísticas que estão longe da mera transmissão de uma informação nova. De fato, nesse ponto é possível entrever nas estruturas identificativas da matriz verbal um substrato avaliativo sutil, mas significativo: Bo Burnham é identificado justamente como alguém que se envolve com produtos culturais que são, por definição, objetos a serem apreciados. Assim, mesmo que houvesse informação “pura” na matriz verbal, sem traços “subjetivos” (o que não ocorre), seria “óbvio” partir para interações atitudinais. Um comentário que exemplifica tal processo é C7, amalgamando a “surpresa” das identificações e atitudes (afeto, julgamento e apreciação): *aaaaaa que demais! N sabia disso. Amo eight grade com todo meu coração e ele **otimo** em PYW, além de ser um **gos*******.¹¹

3.2 P2

Quadro 2. Tela-base de P2

<p>participante instável, a torcida vai forçar até não querer mais, legado da massa a favor e no final não ganha</p>  <p>110</p>	<p>Transcrição da matriz verbal:</p> <p><i>participante instável, a torcida vai forçar até não querer mais, legado da massa a favor e no final não ganha.</i></p>
---	--

Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/270581714352692>>. Acesso em 25 jun. de 2021.

¹¹ Os asteriscos indicam uma prática de “autocensura” frequentemente utilizada na escrita de termos percebidos como “sexuais” (e que poderiam, portanto, ser reprovados pela moderação automatizada do Facebook).

A matriz verbal de P2 é curta, mas complexa. Escreve-se: *participante instável, a torcida vai forçar até não querer mais, legadão da massa a favor e no final não ganha*.

Trata-se de um enunciado lacunar: quem é o *participante instável*? Assim, propomos a seguinte paráfrase, explicitando cada um dos segmentos como orações maiores em parataxe aditiva: “(1) X é um *participante instável*, (2) *a torcida vai forçar X até não querer mais*, (3) *legadão da massa é a favor de X* e (4) *no final X não ganha*”. Trataremos exatamente de quem é X durante a análise da matriz imagética, já que tal explicitação se dá pictoricamente. Porém, com a paráfrase acima, já é possível ver que, de modo geral, a matriz verbal tem como objetivo construir diversas figuras (“representações”) envolvendo X: (1) relacioná-lo a um Atributo (*um participante instável*), (2) colocá-lo como Meta (com traços de Alvo) de promoção (em *forçar* – ver abaixo sobre esse processo) de uma *torcida* (Ator com traços de Dizente), (3) posicioná-lo como parte de um Atributo circunstancial de Benefício (*a favor de X*), e (4) indicar sua impossibilidade de ser Ator de um processo de *ganhar*.

Em termos interpessoais, é relevante observar que, em (1) e (3), a ausência de Finito permite que os processos relacionais atributivos sejam apresentados como óbvios, diminuindo sua disposição à negociação. Em consonância com isso, (2) e (4), mesmo apresentando Finito (*vai e ganha*), não se colocam como questionáveis – não apresentam, por exemplo, índices de modalização. Dessa forma, em termos de engajamento, o efeito dialógico geral na matriz verbal é de monoglossia e, no máximo, de contração dialógica (considerando a polaridade negativa de (4)): lançam-se proposições como fatos pouco ou nada negociáveis.

Ainda em termos avaliativos, pode-se identificar em cada um dos segmentos uma instância atitudinal, embora com diferentes graus de explicitude. Em (1), há um caso de julgamento negativo de normalidade (*participante instável*); em (2), pode-se interpretar o processo *forçar* como “promover excessiva e desnecessariamente”, o que atinge atitudinalmente seu Complemento (por isso a categorização de X como Meta ou Alvo), levando a mais uma instância de julgamento negativo (possivelmente tanto de X quanto da torcida); em (3), fica nítida a necessidade de conhecimentos do enunciatário, que é construído como alguém que sabe o que é “legadão da massa”, o que trataremos com maior detalhe na análise dos comentários. Seja como for, há duas possibilidades: dependendo dos valores atribuídos a “legadão da massa” (positivo, negativo ou neutro), X receberá uma atitude (ou não, no caso de neutralidade) de igual valor – assim, se (3) estiver, ao menos para o postador, em consonância com (1) e (2), esperaríamos que (3) também apresentasse uma instância atitudinal negativa (entretanto, a possibilidade de valor mais neutro não nos parece absurda). Enfim, em (4) é

possível identificar uma instância de julgamento negativo de capacidade intensificado pela possível contra-expectativa em relação a (2) e (3): “apesar de torcida e legado da massa a favor, X no final não ganha”.

Em síntese, a matriz verbal de P2 é: 1. experiencialmente, caracterizada por uma série de figuras que, embora heterogêneas, têm como centro alguma caracterização do participante X (como Portador, Atributo, Meta/Alvo ou Ator); 2. interpessoalmente, carregada de julgamentos negativos que, com relativa homogeneidade, fecham-se à negociação. Vê-se, com isso, que, como P1, P2 parece ter um alto potencial afiliativo, embora aqui a polaridade do vínculo de base para a afiliação seja negativa, o que é relevante. Passemos à análise da matriz imagética, em que finalmente poderemos compreender quem é X.

Embora a matriz imagética de P2 apresente somente uma imagem, trata-se de uma composição com duas fotografias: à esquerda, vemos o rosto de Felipe Prior, participante do *Big Brother Brasil (BBB) 20*, e, à direita, o de Gilberto (“Gil”), participante do *BBB 21*. Em termos representacionais, parece-nos bastante claro que há uma estrutura taxonômica em que cada um dos participantes funciona como Subordinado de um Superordenado que, pela imagem em si, descreveríamos como “homens participantes do *BBB*” – os traços mais evidentemente comuns entre eles (desde que o leitor os conheça previamente). Porém, com a leitura conjunta das matrizes verbal e imagética, verifica-se que o Superordenado, embora pressuponha “homens participantes do *BBB*”, é identificável justamente como o “X” explorado anteriormente. Evidencia-se, assim, a complementaridade das matrizes: a supressão de uma ou outra prejudica crucialmente a compreensão da tela-base como um todo, o que não acontecia com tamanha profundidade em P1: embora a matriz imagética certamente tenha contribuições importantes, lá a matriz verbal era mais “nuclear” e, por conseguinte, a imagética era mais “dispensável”. Tais questões envolvem a chamada “divisão do trabalho semiótico” (MATTHIESSEN, 2009; FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021b).

Ainda no domínio representacional, cada um dos Subordinados pode ser interpretado como uma instância de estrutura analítica: não só o leitor pode depreender que os dois elementos são “subtipos” do tipo X, mas também interpretar seus Atributos, incluindo suas feições autológicas (identificando-os como “Prior” e “Gil”) e heterológicas (caracterizando-os como

homens, jovens, etc.),¹² além de expressões faciais que estão fora do nosso escopo de análise, mas provavelmente têm relevância interpessoal.

Composicionalmente, a distribuição dos elementos é relativamente previsível: o participante “antigo” (Prior, do *BBB* 20) é posicionado à esquerda (Dado), enquanto o “recente” (Gil, do *BBB* 21) está à direita (Novo). Tendo em vista a estrutura taxonômica discutida acima, uma motivação possível para a organização composicional, além da temporalidade, seria que o Superordenado, com suas caracterizações e avaliações, seria mais nitidamente aplicável a Prior (o Dado), enquanto a tela-base de P2 estaria fazendo uma *nova* aplicação de tal caracterização (a Gil – o Novo). De fato, como veremos a seguir, alguns comentadores consideraram injusta a aplicação da descrição a Gil, embora não necessariamente a rejeitassem enquanto caracterização de Prior.

Interpessoalmente, deve-se notar que ambas as fotografias em P2 (os Subordinados) estão em um ângulo fechado, indicando “proximidade” com os elementos apresentados. Isso pode ser relevante porque, como vimos na matriz verbal, essa postagem é fortemente avaliativa, e uma “proximidade” como essa pode ser atitudinalmente estimulante. Por outro lado, é possível que o ângulo fechado se deva a coerções do “gênero” das imagens: são fotogramas funcionando como “retratos”, instâncias especializadas justamente na representação de Atributos faciais de um participante em estrutura analítica.

Quanto ao grau de envolvimento (ângulo horizontal), cada uma das imagens tem um valor diferente: há baixo envolvimento com Prior (diagonal) e alto com Gil; isso se relaciona com os valores de contato: “demanda” em Gil (seu vetor de olhar se direciona ao leitor) e “oferta” com Prior (olhar não direcionado ao leitor). Embora tais distinções sejam potencialmente relevantes para questões afiliativas, seria arriscado, por exemplo, propor que o maior envolvimento com Gil facilitaria sua defesa (contra os julgamentos da matriz) nos comentários, já que isso poderia superestimar o papel do modo pictórico em detrimento das atitudes “pré-textuais” dos comentadores.

Assim, concluindo nossas considerações sobre a tela-base, temos que: 1. a matriz verbal tem um papel eminentemente interpessoal, explicitando acoplamentos afiliativos de base para um processo complexo de afiliação; 2. a matriz imagética desempenha uma parte centralmente experiencial, apresentando explicitamente os Subordinados a partir dos quais se infere que o

¹² É provável que a leitura dos Atributos ocorra antes da compreensão do todo como uma taxonomia, já que a identificação básica de cada um dos Subordinados é pressuposta pelo procedimento mais complexo (e multimodal) de interpretá-los como “subtipos” de X.

elemento verbal é um Superordenado. Ressalte-se, porém, que um foco interpessoal ou experiencial não significa a ausência de significados de outros tipos: embora partes distintas do texto possam se voltar à avaliação ou à representação, as três metafunções operam simultaneamente a todo momento.

Passemos, então, aos comentários. Diferentemente do que ocorreu em P1, em que o vínculo afiliativo apresentado na tela-base era acolhido com bastante homogeneidade pelos comentários, em P2 cerca de 60% (40 de 67) dos comentários se *opõem* à comparação estabelecida na matriz e, com isso, realizam *desfiliação* em relação ao acoplamento de base. Dos demais comentários, 22% (15/67) se posicionam a favor da comparação (ver, porém, ressalvas abaixo) e 18% (12/67) foram classificados como “outros”.

Começemos, então, com os que rejeitam a comparação feita na matriz. Propomos, nesses comentários, três subtipos: rejeição geral (26/67 – 38%), rejeição por considerar Gil superior a Prior (12/67 – 18%) e rejeição por superioridade de Prior (2/67 – 3%). Parece-nos, porém, que a rejeição geral, embora por vezes pouco específica em relação a seus motivos, está mais alinhada com a categoria que considera Gil superior do que com a que favorece Prior, mesmo porque os enunciados em favor do segundo são raros (somente dois casos). Exemplos: C1 – *Forçou*; C9 – *Gente é uma comparação tão ruim que, mds, tá passando uma vergonha desnecessária*; C28 – *Comparação mais esdrúxula. Tem biscoito aí na tua casa não?*; C33 – *Não! NÃO MESMO*; C46 – *calado, basculho*.

Nota-se que a rejeição se dá por três meios: apreciação negativa da comparação (p. ex. C9 – *tão ruim*, C28 – *esdrúxula*), julgamento negativo do postador (p. ex. C9 – *tá passando uma vergonha*, C28 – *Tem biscoito aí na tua casa não?*¹³, C46 – *basculho*) e por negação (p. ex. C29 – *Né possível um post desse*; C33 – *Não! NÃO MESMO*). De fato, pode-se propor que há aqui mais uma “lógica atitudinal”: “a comparação é *ruim*; logo, o comparador é *incapaz/desonesto/injusto/etc.* e ela deve ser negada”.

Os comentários que discordam da comparação por afirmarem a superioridade de Gil são exemplificados a seguir: C2 – *Só um terá phd*; C3 – *So um chegará na final e não é o prior*; C5 – *Gil não merece ser comparado ao n0jent0 do Prior*; C6 – *Eu sou Jullietter mas Gil não merece essa comparação não*; C8 – *Só um não vai aparecer no Cidade Alerta*; C18 – *Um vai fazer mestrado em outro país, outro vai fazer na cadeia.*; C27 – *Não comparem Prior com Gil né pfvr Gil >>>>>>>>>*; C39 – *PHD é pra poucas*; C49 – *Gil é inteligente, esse aí era*

¹³ O termo “biscoito” é utilizado para indicar que uma pessoa quer chamar atenção para si – que “pede biscoito”.

péssimo. Nesses casos, notam-se as seguintes estratégias: julgamento positivo, especialmente de capacidade (várias menções à carreira acadêmica do participante), e o “não merecimento” da comparação, o que evidencia que ela carrega um alto grau de negatividade; para indicar inferioridade de Prior, julgamento negativo. Evidentemente, as estratégias são complementares (se X é superior a Y, Y é inferior a X).¹⁴

Passando aos comentários que mostram apoio à comparação feita na matriz, há 15 instâncias (22%). Deve-se, porém, fazer uma ressalva importante: há nitidamente dois momentos de interação na tela de comentários. No primeiro, que acaba em C56, há comentários que foram publicados com pouca diferença em relação à publicação da tela-base (no máximo, alguns dias); no segundo, porém, há entre a publicação da tela-base e os comentários (de C57 a C67), uma diferença de cerca de duas semanas. Assim, devemos nos perguntar: o que “ressuscitou” os comentários em P2? O fator a ser considerado é de ordem intertextual. O que ocorreu é que, duas semanas após a publicação da tela-base, Gil teria declarado (ainda estando no *BBB*): “Vou jogar que nem o Prior agora”. Não temos espaço aqui para explorar detalhadamente tais elementos, mas é relevante notar dois efeitos sobre os comentários: 1. o número de comentários *apoiando* a comparação cresceu de 7 para 15 (8 dos 11 comentários no segundo momento são desse tipo; p. ex. C58 - *Os fatos!*); 2. o postador de P2 passou a responder, “vingativamente”, a vários dos comentários que, no primeiro momento, rejeitavam a comparação, reproduzindo um *tweet* com a nova fala de Gil.

Em conclusão, a análise dos comentários de P2 evidencia a importância de duas variáveis: em primeiro lugar, a possibilidade de rejeição do vínculo afiliativo proposto na tela-base, o que tem ressonâncias com a tipologia de estratégias de afiliação proposta por Knight (2010): comunhão (união a partir do compartilhamento de um vínculo), riso (indicação de contrastes entre o que se é e o que não se é) e condenação (rejeição de um vínculo inaceitável). Tomando tais categorias de modo bastante geral, P1 seria uma interação de comunhão majoritária, enquanto P2 seria caracterizada por uma série de condenações em cadeia (rejeição à comparação e, no segundo momento, rejeição à rejeição inicial). A principal consequência afiliativa de tal característica é que, enquanto em P1 se vê a formação de uma comunidade semiótica relativamente homogênea, P2 leva à constituição de dois grupos que se definem negativamente: aqueles que aceitam a tela-base e aqueles que a rejeitam. Assim, complexifica-

¹⁴ Como mencionado, só ocorreram dois comentários apontando a superioridade de Prior. Em ambos, utilizam-se estratégias semelhantes às dos comentários que dão superioridade a Gil.

se o processo afiliativo, que passa a ter um caráter argumentativo de relevo, com afiliação e desfiliação operando simultaneamente.

3.3 P3

Quadro 3. Tela-base de P3

<p>Clara McGregor, filha do ator Ewan, levou uma mordida de um cachorro no rosto antes da premiere de seu filme <i>The Birthday Cake</i> (onde ela atua com o pai), mas foi assim mesmo - sem nenhum curativo - para o evento. A atriz e produtora do filme ficou só poucos minutos na emergência e de lá seguiu para a estreia do filme em Las Vegas</p>  <p>496 103 comentários</p>	<p>Transcrição da matriz verbal:</p> <p><i>Clara McGregor, filha do ator Ewan, levou uma mordida de um cachorro no rosto antes da premiere de seu filme <i>The Birthday Cake</i> (onde ela atua com o pai), mas foi assim mesmo - sem nenhum curativo - para o evento. A atriz e produtora do filme ficou só poucos minutos na emergência e de lá seguiu para a estreia do filme em Las Vegas</i></p>
---	--

Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/270581714352692>>. Acesso em 25 jun. de 2021.

A matriz verbal de P3 é composta por dois complexos oracionais, cada um com duas orações em parataxe: [1.1] *Clara McGregor, filha do ator Ewan, levou uma mordida de um cachorro no rosto antes da premiere de seu filme *The Birthday Cake* (onde ela atua com o pai)*, [1.2] *mas foi assim mesmo - sem nenhum curativo – para o evento*. [2.1] *A atriz e produtora do filme ficou só poucos minutos na emergência* [2.2] *e de lá seguiu para a estreia do filme em Las Vegas*. Experiencialmente, propomos a seguinte interpretação para a oração 1.1 (excluindo as circunstâncias):

Clara McGregor, filha do ator Ewan,	levou uma mordida	de um cachorro
Meta	Pr. mat.	(Ator)

Aqui, interpreta-se *levou uma mordida de um cachorro* como uma realização metafórica de voz receptiva (a versão congruente seria “foi mordida por um cachorro”); tal interpretação

nos parece mais adequada do que tomar o Sujeito como Ator, já que explicita que o Sujeito, aqui, não tem agentividade – o Ator está, na realidade, presente como Modificador de *mordida* (por se tratar de uma metáfora ideacional, transformando o que congruentemente seria um processo em um nome modificável).

Assim, enfatiza-se o posicionamento de Clara como alguém que *sofre* uma mordida, mas reduz-se a agentividade do animal (pense-se, por exemplo em “Um cachorro mordeu Clara no rosto” ou mesmo “Clara foi mordida por um cachorro no rosto”); o grupo nominal metafórico compacta em um só constituinte a Meta, o Ator e uma Circunstância (*no rosto*), deixando mais “espaço oracional” para o Sujeito/Tema/Meta e para a Circunstância que segue – *antes da premiere de seu filme The Birthday Cake (onde ela atua com o pai)*, – que é o elemento que introduz justamente o cenário que, na oração seguinte, servirá de base para uma quebra de expectativas (explicitada pelo *mas* concessivo e pelo Adjunto *mesmo*):

<i>mas</i>	[ela]	<i>foi</i>	<i>assim</i>	<i>mesmo</i>	- sem nenhum curativo –	<i>para o evento</i>
	Ator	Pr. mat.	Circ.	[Adj. modal]	Circ.	Local

Nota-se, nessa oração, a quantidade de elementos anafóricos em relação à primeira: [ela] = Clara; *assim* = [tendo levado] *uma mordida de um cachorro no rosto*; *evento* = *premiere de seu filme*. Assim, em síntese, o complexo oracional constrói uma sequência de figuras em que um elemento (Clara) aparece ao mesmo tempo como “vítima de uma fera” (Meta de uma mordida) e como “heroína (talvez excessivamente) destemida” (Ator) que, ao contrário das expectativas do senso comum (relação de concessão), opta por não esconder suas cicatrizes em um evento altamente publicizado.

O segundo complexo oracional, por sua vez, elabora tais figuras e contrastes, fornecendo informações complementares: *A atriz e produtora do filme ficou só poucos minutos na emergência | e de lá seguiu para a estreia do filme em Las Vegas*. Aqui, dá-se continuidade à cadeia coesiva iniciada no primeiro Tema (*Clara McGregor, filha do ator Ewan – seu filme – ela – [ela] foi – A atriz e produtora do filme – [ela] seguiu*), o que enriquece a caracterização desse elemento, e explicita-se que a atriz *ficou só poucos minutos na emergência*, realçando a contra-expectativa em questão.

Em termos da “orientação interacional” discutida em análises anteriores, há, aqui, mais uma dualidade. Por um lado, a matriz verbal se aproxima de uma notícia, não só por ter como foco a “transmissão de novidades”, mas também por exibir características do registro jornalístico, como o Atributo interpolado (*Clara McGregor, filha do ator Ewan*), a natureza

elaborativa do segundo complexo oracional e a cadeia coesiva exposta acima, que, ao evitar repetições, reitera e informa ao mesmo tempo. Por outro, também é evidente a importância da “extraordinariedade” do “furo” jornalístico, o que dá à postagem uma faceta atitudinal: a informação só é “noticiável” porque contraria as expectativas e, assim, está proeminentemente sujeita a avaliações.

Passando à matriz imagética, há mais uma imagem interpretável como instância do gênero pictórico “retrato”. Ideacionalmente, tem-se uma estrutura analítica em que o Portador é identificado com Clara McGregor – a identificação pode ser embasada tanto por conhecimentos anteriores à interação quanto pelo fato de Clara ser o elemento focado textual e experiencialmente na matriz verbal. Como se trata de um “retrato”, os Atributos mais salientes são os autológicos e heterológicos, mas há claro destaque para cicatrizes que, em contraste com Atributos como a vestimenta elegante e com o Cenário, em que se vê que se trata da *première* do filme *The Birthday Cake*, evidenciam uma incongruência: “apesar das cicatrizes, Clara foi ao evento”.

Assim, a matriz imagética parece funcionar ao mesmo tempo como um “evidencial pictórico”, usando as *affordances* da imagem (que aqui tem modalidade naturalista) para “provar” a factualidade do acontecimento relatado, e como um intensificador da recepção da incongruência em jogo – a imagem “joga na cara” do leitor algo que verbalmente demandou algumas orações. De fato, nesse sentido, P3 talvez seja a postagem em que a matriz imagética tem mais evidente importância interpessoal.

Para a análise dos comentários, começamos com os que são nitidamente atitudinais: juntos, perfazem cerca de 44% da totalidade (34/77). Desses, os mais comuns (com 15 instâncias) são os que apreciam a escolha de Clara McGregor como algo “artístico” ou “conceitual” (apreciação: composição), o que pode ser transferido para a própria atriz (julgamento: capacidade; ver C4) e em alguns casos pode ter algum grau de ironia. Exemplos: C4 – *Artista de verdade*; C12 – *o conceito meu pai*; C39 – *Eu achei chiquerrimo*. Há também os que se voltam à beleza da própria atriz, apreciando-a como “linda”, como C5 – *que linda* e C18 – *ta linda do mesmo jeito*. A complementaridade das categorias é exibida em C48: *Nossa ela ficou bonita, achei conceito*.

Assim, indica-se algo que não estava explícito na matriz verbal: o fato de que, além da contraposição entre “se machucar” e “ir a um evento”, há também outra, entre “ter feridas no rosto” e “estar bonita”. Isso coloca em jogo uma função da matriz imagética não prevista na análise acima: além de “provar” o evento em questão, a imagem permite uma representação

detalhada (com sua modalidade “naturalista”) dos Atributos que estão mais centralmente em jogo – as cicatrizes e, de modo geral, os traços do rosto do Portador. Nesse sentido, C60 é especialmente revelador, indicando explicitamente os processos de (re)interpretação pelos quais se passa na leitura de um texto verbo-pictórico: *Se não fosse a legenda eu juraria que é maquiagem e que foi o conceito e inclusive amei.*

Houve ainda cinco comentários (6,5%) que se centram no afeto negativo engatilhado pela situação. Exemplos: C7 – *Nossa q bad*; C31 – *Isso aí deve estar muito inchado e dolorido agora. Tadinha.* Sua baixa frequência, em oposição às apreciações, indica que a recepção da tela-base tende a focar na contra-expectativa e, conseqüentemente, nos elementos “extraordinários”. Em outras palavras, se a tela-base fosse parafraseada como “a situação é ruim, mas Y”, os comentários se centrariam nos elementos Y. A questão é que, embora esses elementos não sejam explicitados pela tela-base, eles são recorrentes nos comentários, perfazendo um potencial de afiliação diferente dos de P1 e P2, que se baseiam em pelo menos um acoplamento avaliativo presente na tela-base.

A segunda categoria de comentários compreende aqueles que comparam a situação relatada na tela-base a algum evento possivelmente semelhante. Duas subcategorias se revelam. Na primeira, com dez instâncias (13%), a comparação é com situações “mundanas”, frequentemente centradas na vida do próprio comentador. Exemplos: C27 – *Parece eu quando minhas crianças brincam e se empolgam*; C28 – *Dia a dia de dono de gato é total assim*; C49 – *Enfim tenho algo em comum com uma famosa, porque nesse final de semestre tô assim mesmo de saúde.* Tais comentários reenquadram a situação aparentemente excepcional da tela-base em uma perspectiva “pessoal”: aquilo que era distante e incomum passa a ser um modelo para práticas próximas e ordinárias. Passa-se, em alguma medida, do público para o privado, o que torna as ideações das matrizes um ponto de partida para a exposição de “eus” (note-se a recorrência da primeira pessoa) em suas particularidades – que, porém, têm como base uma comunhão com as ideações da tela-base.

Há, porém, um outro tipo de comparação, mais rara (6,5%): compara-se a situação da tela-base com acontecimentos envolvendo outras celebridades. Exemplo: C29 – *Me lembrou a lorde que estava com o olho inflamado e foi a um desfile com um olho maquiado e o outro não*; C36 – *O The weeknd se contorcendo em casa porque não pensou nisso antes.* Seria possível propor que essas comparações, por relacionarem acontecimentos da vida pública de celebridades, mantêm-se, em contraste com as anteriores, no mesmo nível de distanciamento que o encontrado na tela-base, com pouca inserção da subjetividade dos enunciadores e

possivelmente uma orientação mais “informacional”; parece-nos, porém, que isso seria inadequado: na realidade, é muito provável que eles também funcionem proeminentemente como dispositivos para a apresentação do eu. Mais especificamente, trata-se de enunciados com claro potencial para a construção de capital simbólico: os enunciadores exibem conhecimento (note-se o *Me lembrou*) específico o bastante para compararem situações analogamente “extraordinárias”.

Esses comentários, ao lado das outras categorias comparativas, também podem ser vistos como parte de uma dinâmica interacional lúdica em que, a partir de uma base ideacional única, abre-se espaço para um jogo de “quem apresenta a alusão/comparação/etc. mais inventiva/espirituosa/engenhosa/etc.” – há uma espécie de competição sobre quem “ganha” em termos de “enriquecimento” (ideacional e interpessoal) da interação.

Isso fica muito claro nos seguintes comentários, que foram classificados como “humorísticos” (embora o humor seja possível em alguns dos comentários acima), exemplificados a seguir: C56 – *Luiza Meeeeeeeeelllllll*; C58 – *Trabalhe enquanto eles dormem*. Em C56, o humor provém da alusão à ativista de direitos dos animais Luisa Mell, cujo nome é ironicamente enunciado como uma “denúncia” de maus tratos; em C58, há um humor mais sutil: o complexo oracional *Trabalhe enquanto eles dormem* é parte de uma espécie de “mantra empreendedor” (“Trabalhe enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, persista enquanto eles descansam, e então, viva o que eles sonham”¹⁵). Com isso, enquadra-se o evento da tela-base como um cumprimento do “mantra”; como se trata de um enquadramento “extravagante”, depreendem-se efeitos humorísticos.

Tais elementos indicam que P3 se aproxima das postagens de matriz “extraordinária”, também encontradas em outros grupos (FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021b): a partir de algo percebido como fora do comum, abre-se espaço para diversos movimentos interacionais que, juntos, se assemelham a uma *jam session* conversacional. Como vimos, esses movimentos incluem estratégias de afiliação diversas: acoplamentos afiliativos, reenquadramentos pessoais do “extraordinário”, uso de humor e de alusões. Em síntese, trata-se de uma interação afiliativamente *heterogênea*, distanciando-se da (relativa) homogeneidade afiliativa de P1 e da “bifurcação” afiliativa de P2, o que talvez resulte em maior espaço para performances individualizantes.

¹⁵ Versão encontrada em <<https://administradores.com.br/artigos/a-verdade-por-tr%C3%A1s-do-ditado-trabalhe-enquanto-eles-dormem>>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

4. Considerações finais

As análises na seção anterior nos levam a algumas observações e hipóteses. Em primeiro lugar, embora as três postagens exibam movimentos afiliativos relativamente claros, envolvendo acoplamentos de atitude e ideação, as dinâmicas interacionais são complexas e diversificadas: em P1, os comentários acolhem de modo relativamente pacífico e homogêneo o acoplamento proposto na tela-base; em P2, ao contrário, o acolhimento é bastante parcial, com muitos enunciados rejeitando-o e, nesse processo, formando afiliações que se definem contrastivamente; enfim, P3 é marcada pelo fato de que, apesar de não haver claramente um acoplamento afiliativo na tela-base, os comentários têm forte tendência afiliativa, mas por meio de estratégias que extrapolam os acoplamentos de ideação e atitude.

Assim, evidencia-se que, embora o grupo em questão possa tender à afiliação (o que é corroborado por outras análises não apresentadas aqui), os próprios movimentos afiliativos se dão de modo bastante diversificado: homogêneo (aceitação e elaboração de um vínculo de base), heterogêneo “simples” (grupos se definindo em negação mútua) e heterogêneo “complexo” (vários movimentos em diferentes direções, algumas mais aglutinadoras, outras mais individualizantes). Não se devem tomar essas categorias como absolutas, embora elas já apontem para algumas possibilidades de complexificação dos estudos de afiliação digital.

Quanto à relevância da modalidade pictórica nos processos de afiliação, também se verificou heterogeneidade, embora aqui a questão seja mais complexa: em P1 e P2, embora as imagens tenham importância interpessoal, seu papel na interação parece ser primariamente ideacional, articulando-se de diferentes formas com as experiências construídas verbalmente; em P3, por outro lado, há índices de que a imagem, com seu potencial semiótico próprio, tenha um impacto maior na suscitação de significados atitudinais nos comentários. Isso possivelmente está associado ao fato de se tratar de uma postagem em que, tendo como base o “extraordinário”, evidencia-se e intensifica-se a extraordinariedade principalmente por meios pictóricos que são simplesmente inacessíveis à linguagem verbal.

Tais dinâmicas reafirmam a relevância do estudo da semântica discursiva como instrumento para a investigação de movimentos de individuação, mas também mostram a necessidade de enriquecimento do aparato teórico-metodológico empregado, o que pode ser feito por meio de diálogos cuidadosos com outras perspectivas, como a Sociolinguística do estilo (COUPLAND, 2007), a Linguística Antropológica (DURANTI, 1997), os Estudos da Argumentação (GONÇALVES-SEGUNDO, 2020), entre várias outras. Outra direção que os

estudos da individuação podem tomar é considerar suas articulações com a descrição do parâmetro contextual de relações interactanciais (*tenor*)¹⁶, cujas articulações teórico-metodológicas com posições externas à Linguística Sistemico-Funcional também se fazem urgentes. Quando se tem como objeto algo tão complexo quanto as interações digitais multimodais, a inflexibilidade epistemológica não pode ser uma opção.

Referências

- BATEMAN, John A.; WILDFEUER, Janina; HIIPPALA, Tuomo. *Multimodality – Foundations, Research and Analysis: A Problem-Oriented Introduction*. Berlim: Walter de Gruyter, 2017.
- COUPLAND, Nikolas. *Style: language variation and identity*. New York: CUP, 2007.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: CUP, 1997.
- FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. “Manas, preciso de ajuda”: análise de pedidos de ajuda multimodais de um grupo de Facebook. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2021a.
- FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Identidades em comunhão: estratégias multimodais de individuação em um grupo de Facebook. *Texto Digital*, v. 17, n. 2, p. 35-71, 2021b.
- FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Análise multimodal: noções e procedimentos fundamentais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 61, p. 435-454, 2022.
- GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. The Multidimensional Model of Argumentative Analysis: an introduction. *Alfa*, v. 64, e11666, 2020.
- HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M I. M. *Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. New York/London: Routledge, 2014.
- HASAN, R. Tenor: Rethinking interactant relations. *Language, Context and Text*, v. 2, n. 2, p. 213–333, 2020.
- KNIGHT, Naomi K. Wrinkling complexity: concepts of identity and affiliation in humour. In: BEDNAREK, Monika; MARTIN, James R. (org.). *New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity, and Affiliation*. London: Continuum, 2010. p. 35-58.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. 2. ed. London/New York: Routledge, 2006.
- MARTIN, James R. *English Text: System and Structure*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.
- MARTIN, James R. Semantic Variation: Modelling Realisation, Instantiation and Individuation in Social Semiosis. In: BEDNAREK, Monika; MARTIN, James R. (org.). *New*

¹⁶ Como, por exemplo, a importante publicação póstuma de Hasan (2020).

Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity, and Affiliation. London: Continuum, 2010. p. 1-34.

MARTIN, James R.; ROSE, David. *Working with Discourse: Meaning beyond the clause.* 2. ed. Continuum: London, 2007.

MARTIN, James R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English.* Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, James R.; ZAPPAVIGNA, Michele; DWYER, Paul; CLÉIRIGH, Chris. Users in Uses of Language: Embodied Identity in Youth Justice Conferencing. *Text and Talk*, v. 33, n. 4- 5, p. 467–96, 2013.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Multisemiosis and context-based register typology: Registerial variation in the complementarity of semiotic systems. In: VENTOLA, Eija; GUIJARRO, Arsenio J. M. (org.). *The World Told and the World Shown: Multisemiotic Issues.* Palgrave Macmillan, London, 2009. p. 11-38

NÖTH, Winfred. *Handbook of Semiotics.* Bloomington: Indiana University Press, 1995.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica.* 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

*Recebido em 1º de abril de 2022
Aceito em 18 de setembro de 2022*